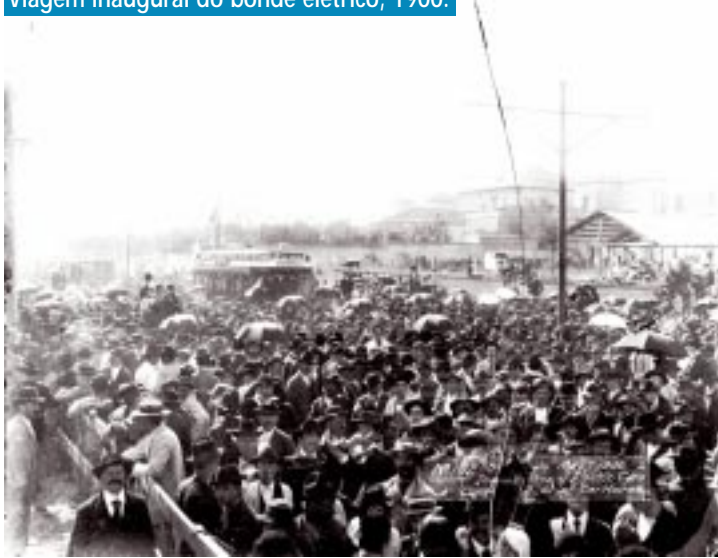




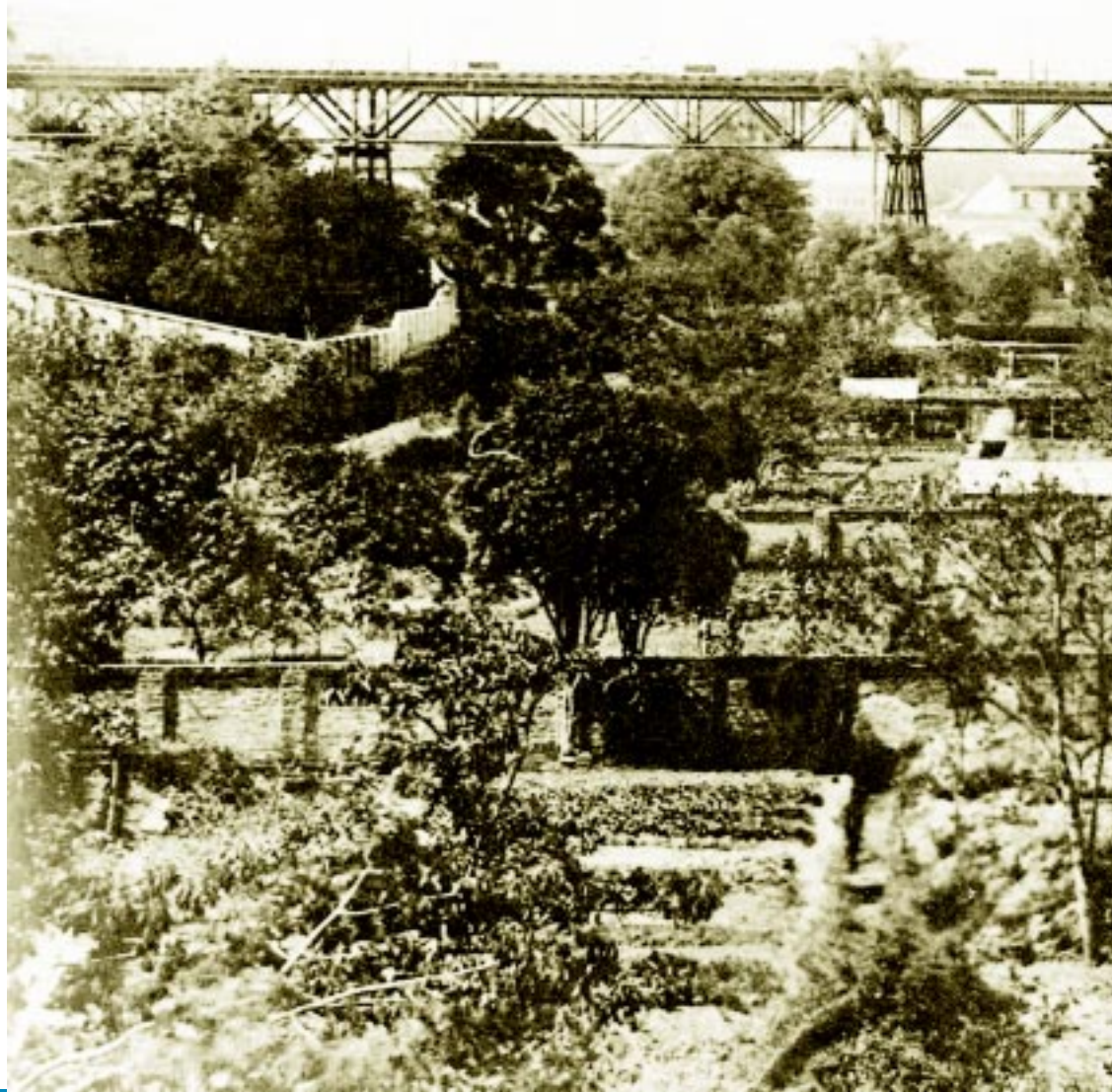
Viagem inaugural do bonde elétrico, 1900.

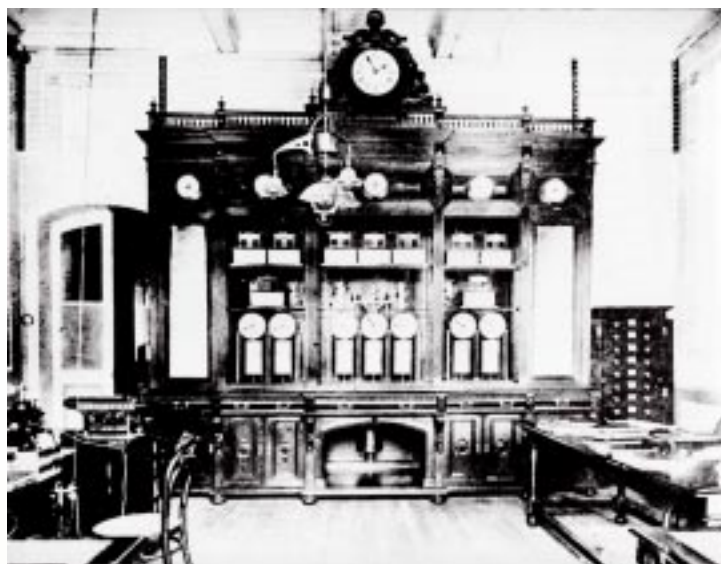


Nova Estação da Luz, 1900.

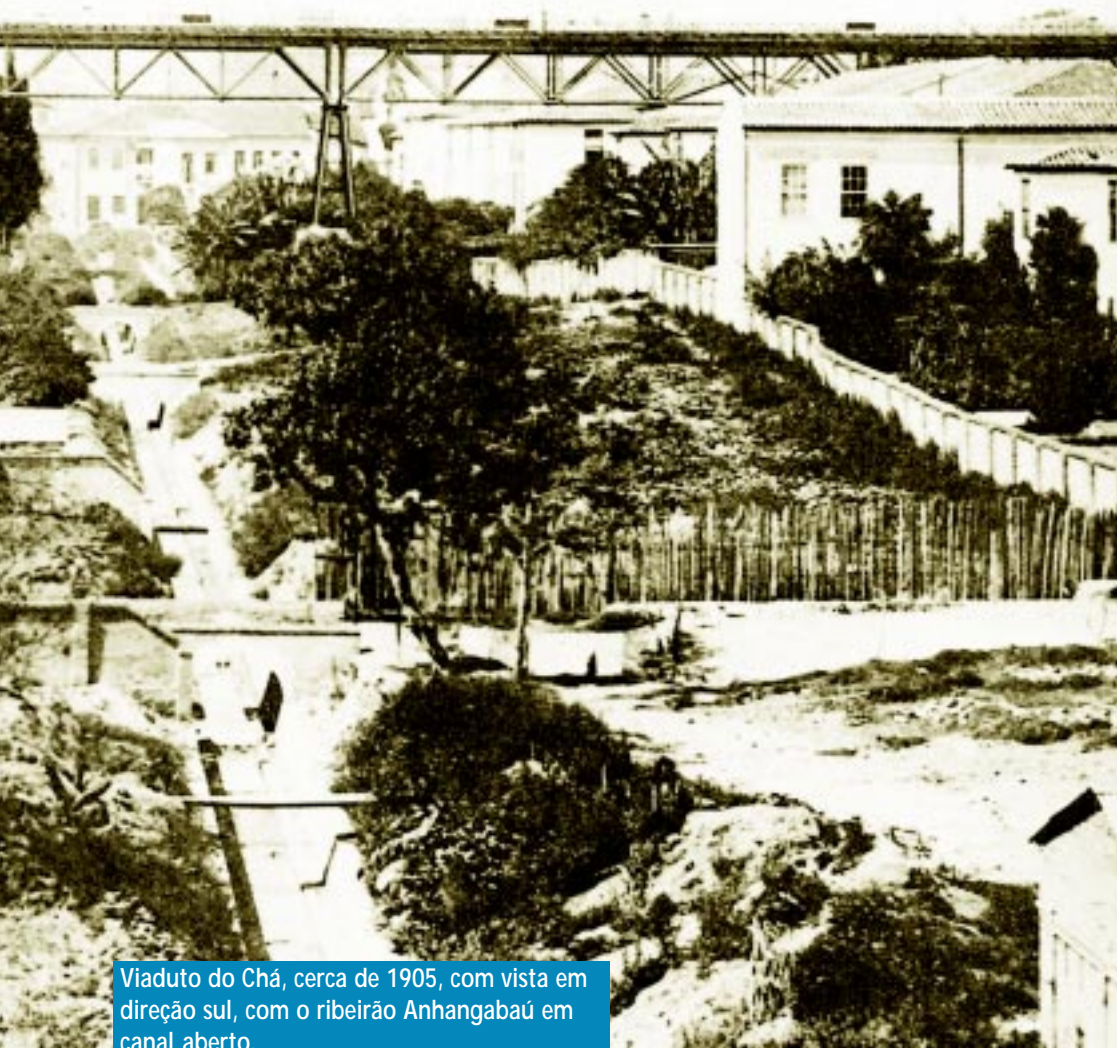


Reservatório Consolação, 1900.





“Estação receptora das indicações dos aparelhos Venturi e Kent”, segundo legenda da foto no capítulo “Abastecimento de água e esgotos na capital” do *Relatório apresentado ao dr. Jorge Tibiriçá, Presidente do Estado, pelo secretário dr. Carlos Botelho, Secretário da Agricultura, anno 1907.*



Viaduto do Chá, cerca de 1905, com vista em direção sul, com o ribeirão Anhangabaú em canal aberto.

Adutora sobre o Rio Tamanduateí, 1900. Foto em direção ao centro.



Avenida Paulista, 1902. Vista em direção ao Paraíso.

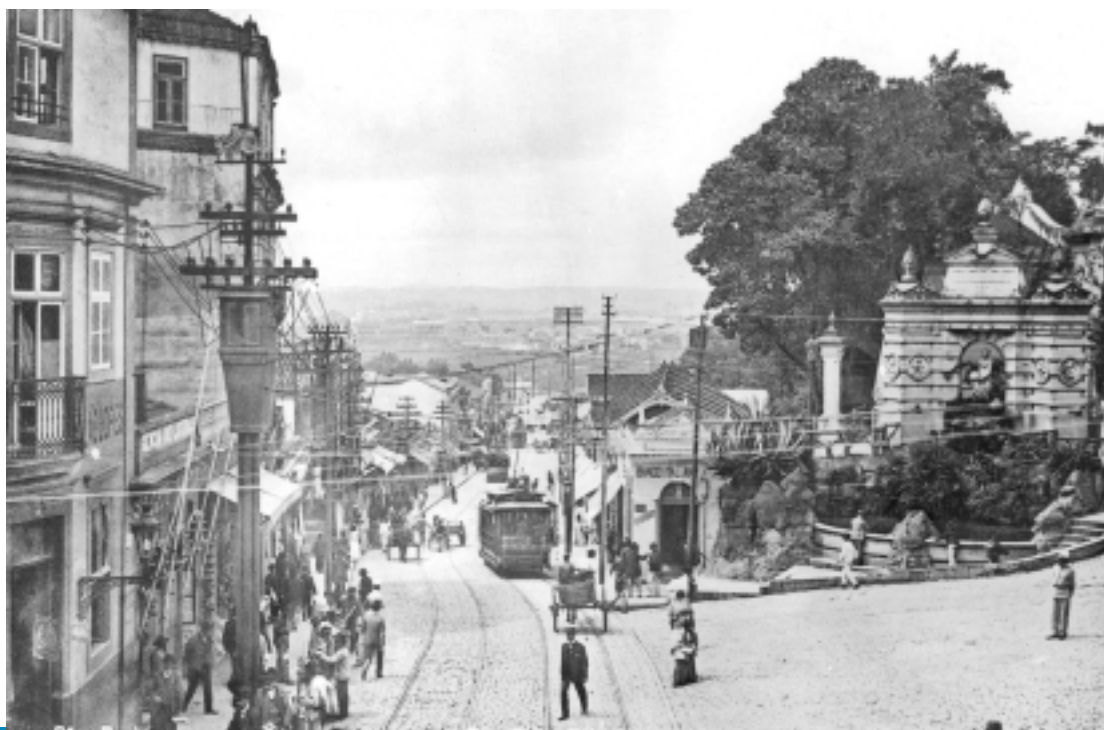


Avenida Paulista, 1902. Vista em direção ao Pico do Jaraguá.



Era a luta contra o tempo. As discussões envolviam políticos, administradores, médicos, intelectuais. Alguns defendiam a solução de captar no Tietê, a montante da cidade; outros propunham a adução das águas do Cabuçu, Barrocada e Cotia. A cidade não parava de crescer e se industrializar. Corria o ano de 1904 quando o engenheiro Rebouças elaborou o primeiro plano para o emprego de filtros rápidos em São Paulo e foi realizada a canalização coberta no rio Anhangabaú e executados 309 metros de canal do Tamanduateí.

No ano seguinte, o engenheiro Saturnino de Brito foi contratado pelo governo do Estado para cuidar do sistema de esgotos e drenagem de Santos, cujas obras seriam iniciadas em 1907. Nesse ano começaram as obras de adução do Cabuçu e Barrocada, destinadas ao abastecimento de Santana, Luz, Bom Retiro e Brás. Construiu-se ainda o reservatório do Araçá, aproveitando a canalização antiga da Cantareira, ligada à linha de sobras e prolongada até o espigão da Paulista. Em 1909 ficou pronto o reservatório do Belenzinho, com pequena capacidade. Era um ano em que São Paulo via circular 128 automóveis particulares, 16 de aluguel e um de carga



e tomar forma definitiva o Teatro Municipal, projetado por Ramos de Azevedo num ecletismo mais contido.

Aberto em 1911, o Teatro Municipal provocaria o sarcasmo de Hilário Tácito. No seu *Madame Pommery*, de 1919, o escritor (cujo verdadeiro nome era José Maria de Toledo Malta, engenheiro formado pela Escola Politécnica de São Paulo) escreveu: “O Teatro Municipal já estava inaugurado. Vieram aí o Titta Ruffo, o Bonci, a Graziella Pareto, o Cirino & Companhia, e cantaram meia dúzia de óperas velhas para algumas dúzias de vestidos novos; sem falar nas casacas, e binóculos. Depois, foram-se os cantores, guardaram-se os binóculos e as casacas, os vestidos novos ficaram velhos, e o teatro apagou as luzes e fechou as portas por um ano”.

Lá fora, uma cidade de 380 mil habitantes começava a ter no Vale do Anhangabaú o seu cartão postal.

À esquerda : Rua João Alfredo, cerca de 1905. Abaixo: Largo do Tesouro tendo, à direita, o prédio dos Correios e Telégrafos; ao fundo, Palácio do Governo; à esquerda, a “Cascata. Fotos de Guilherme Gaensly.

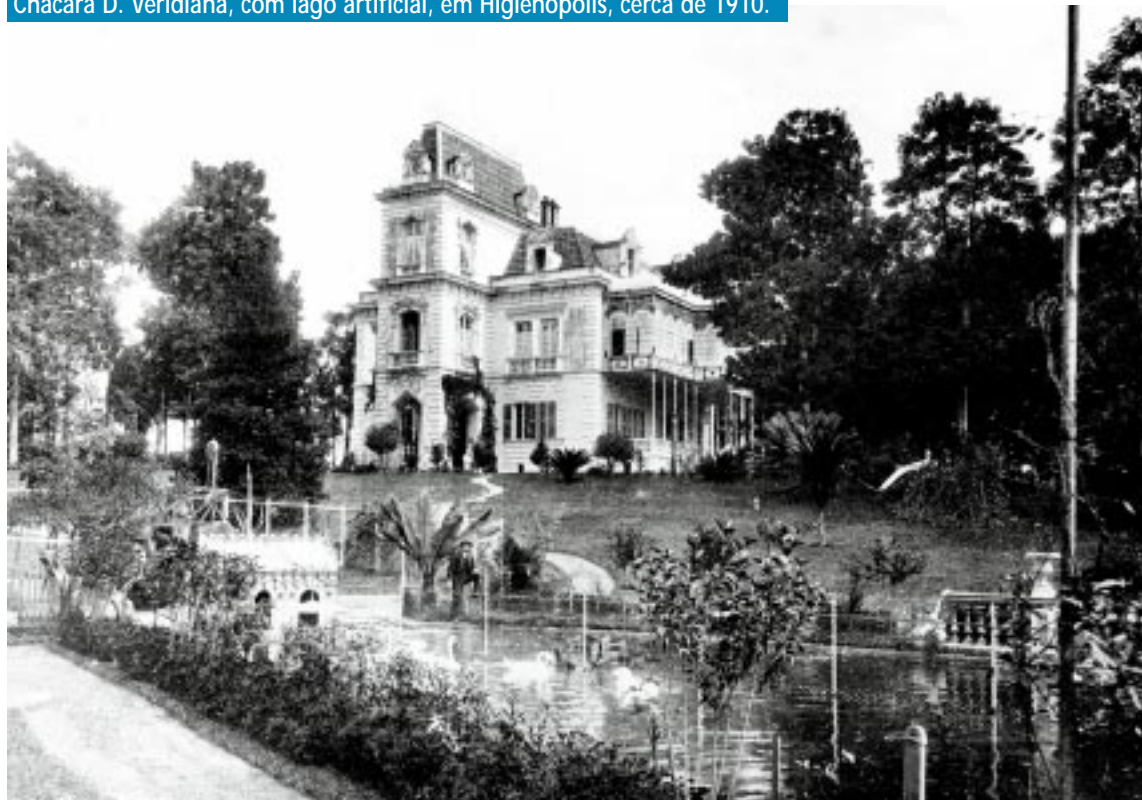




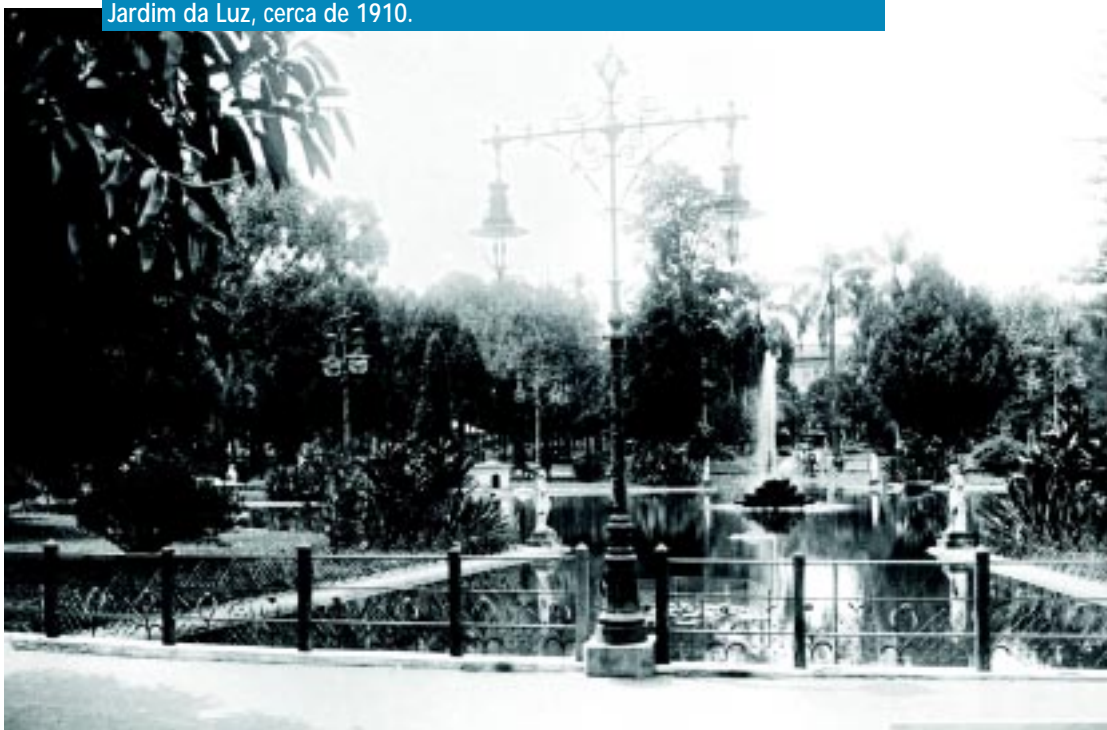
Construção da Represa Santo Amaro, a Guarapiranga, pela Light, em 1908.



Chácara D. Veridiana, com lago artificial, em Higienópolis, cerca de 1910.



Jardim da Luz, cerca de 1910.

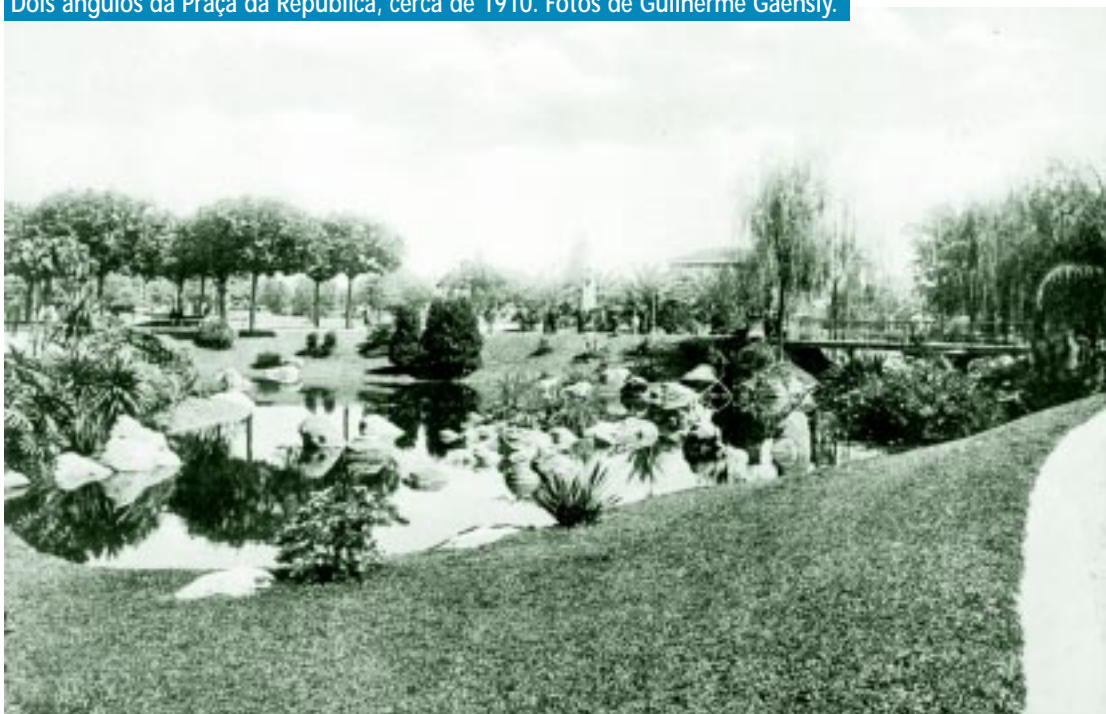




O Parque da Cantareira era um atrativo na São Paulo do início do século XX (foto de 1910, Guilherme Gaensly). Ao lado, lavatório público instalado no parque, 1881.



Dois ângulos da Praça da República, cerca de 1910. Fotos de Guilherme Gaensly.







Teatro Municipal, inaugurado em 1911, e a fonte debaixo do monumento a Carlos Gomes, aquela cujo ruído na tardinha dava a Macunaíma a visagem das águas do mar.





A cidade sabia que o café se valorizava constantemente. Havia um clima geral de prosperidade, até que surgiu a crise de 1914 e, em seguida, a Primeira Guerra Mundial. E foi naquele ano de imenso déficit de adução de água que São Paulo enfrentou uma epidemia de febre tifóide nos bairros baixos, provocada pelo uso das já poluídas águas do Tietê. Decidiu-se então pela execução das obras de aproveitamento das águas do ribeirão Cotia, com adução em duas etapas, a primeira ainda em 1914, tomando-se as águas na cachoeira da Graça, com reforço dos bairros altos da cidade. Ainda naquele exercício foi construída uma canalização através da linha do espigão da Paulista, para alimentação do reservatório Avenida no Paraíso. E começou a construção do reservatório da Água Branca, concluído em 1915.

Mas o recenseamento de 1920 acusaria uma população de 580 mil habitantes. Isso exigia pelo menos a execução urgente da segunda etapa da adutora do Cotia-Água Branca. Já então São Paulo conhecera as grandes greves de 1917, onde, entre outras reivindicações, exigia-se jornada de trabalho de oito horas e semana inglesa. Em dezembro daquele ano, ficava proibido o trabalho de crianças menores de 12 anos, fixada uma jornada de 5 horas para adolescentes de 12 a 15 anos e proibido o trabalho noturno para mulheres e menores de 18 anos. Era evidente o surgimento de novas forças na composição social paulistana. Nesse quadro, não será surpresa a Semana de Arte Moderna de 22, ali, no mesmo Teatro Municipal, que agora tomava ares futuristas. Em *Paulicéia Desvairada*, Mário de Andrade observou: “Uma síncope: a sereia da polícia / que vai prender um bêbado no Piques...” E está em *Alma*, de Oswald de Andrade: “A madrugada surpreendeu-a, misteriosa, num jardim de chorões. Ficou parada na ponte abaulada, sobre o lago sujo da Praça da República. De repente, gritou. Um vagabundo que bebia água na concha das mãos, entre pedras, ergueu a cabeça apreensivo”. Dois livros de 1922.

Era importante a tomada da cidade de São Paulo. Isto seria, para o Tenentismo, o controle do centro econômico da Primeira República. Estávamos em 1924. Foram 23 dias de combate.

A grande estiagem agravava ainda mais a situação. Nas primeiras horas da manhã do dia 6 de julho, os revoltosos bombardearam a caixa d'água da Luz, a usina de força de Vila Mariana e o edifício da Escola Politécnica. A RAE enviou carta ao dr. Edgar de Sousa, recém-empossado superintendente da Light, pedindo o restabelecimento da energia elétrica o mais breve possível, pois do funcionamento dos motores dessa usina dependia a “regularização dos serviços de água e esgotos e a salubridade do bairro de Vila Mariana”.

O Tenentismo também queria modernização da estrutura sócio-econômica e política do País. E não se pode dizer que em 1925 a estrutura de saneamento básico de São Paulo fosse moderna – e havia uma crise. A rede de esgotos, embora minúscula, tornava-se extensa para a quantidade de água disponível. O volume para o consumo público reduziu-se de 156 milhões de litros para 70 milhões de litros por dia. O Cotia sofreu uma redução de 90 mil para 32 mil litros/dia.

Apesar da crise, a prefeitura mandou construir a fonte da Praça da Vitória (atual Júlio Mesquita), com seu jorro por dois canos perfurados em repuxo e por finos orifícios na parte superior das tesouras dos crustáceos, obra da paulista Nicolina Vaz. Mas foi ainda em 1925 criada uma Comissão de Obras Novas, decidindo-se pela construção da adutora Rio Claro. O anteprojeto previa a captação da água em Poço Preto, a 86 quilômetros de São Paulo, uma adutora até o vale do Tapanhaú, a partir do qual a canalização teria sua capacidade duplicada.

No ano seguinte, a Comissão resolveu deslocar o ponto de captação para Casa Grande, a 77 quilômetros da Capital, visando aumentar a área da bacia hidrográfica a montante e reduzir a extensão da adutora.